



1470 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 11 - Educação, Comunicação e Tecnologia

EDUCOMUNICAÇÃO E ENSINO DE HISTÓRIA: EXPERIMENTAÇÕES AUDIOVISUAIS

Rodrigo Müller Marques - Universidade do Vale do Taquari - Univates

As maneiras como nos comunicamos complexificaram-se com rapidez, alterando modos de leitura e interação com o mundo. Espaços midiáticos e escola compõem cenários retroalimentativos, com mediações midiáticas múltiplas. Nota-se que a escola enquanto instituição encontra-se em contradição com esse “mundo veloz”, multifacetado e complexo. Durante o curso de licenciatura em História, observou-se um pequeno volume de pesquisas relacionadas aos usos das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no ensino desta área de saber, o que motivou essa pesquisa durante o Trabalho de Conclusão de Curso. Coloca-se como objetivo refletir sobre as potencialidades que a educomunicação oferece nos processos de ensino-aprendizagem a partir da disciplina de história em espaços formais. A coleta de dados realizou-se através de pesquisa documental, bibliográfica, observação-participante, questionários e entrevistas. O estudo empírico realizou-se em uma escola da Rede Pública de ensino. Concluiu-se que: há descompasso entre o ensino de história dentro da escola e o espaço/tempo fora dela; há facilidades no uso de TICs pelos alunos enquanto professores sentem dificuldades em usá-las; há a necessidade de se experimentar as “novas tecnologias” como forma de inclui-las no universo escolar.

EDUCOMUNICAÇÃO E ENSINO DE HISTÓRIA: EXPERIMENTAÇÕES AUDIOVISUAIS

Resumo: As maneiras como nos comunicamos complexificaram-se com rapidez, alterando modos de leitura e interação com o mundo. Espaços midiáticos e escola compõem cenários retroalimentativos, com mediações midiáticas múltiplas. Nota-se que a escola enquanto instituição encontra-se em contradição com esse “mundo veloz”, multifacetado e complexo. Durante o curso de licenciatura em História, observou-se um pequeno volume de pesquisas relacionadas aos usos das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no ensino desta área de saber, o que motivou essa pesquisa durante o Trabalho de Conclusão de Curso. Coloca-se como objetivo refletir sobre as potencialidades que a educomunicação oferece nos processos de ensino-aprendizagem a partir da disciplina de história em espaços formais. A coleta de dados realizou-se através de pesquisa documental, bibliográfica, observação-participante, questionários e entrevistas. O estudo empírico realizou-se em uma escola da Rede Pública de ensino. Concluiu-se que: há descompasso entre o ensino de história dentro da escola e o espaço/tempo fora dela; há facilidades no uso de TICs pelos alunos enquanto professores sentem dificuldades em usá-las; há a necessidade de se experimentar as “novas tecnologias” como forma de inclui-las no universo escolar.

Palavras-chave: História. Tecnologias de Informação e Comunicação. Escola. Educomunicação

INTRODUÇÃO

Convive-se hoje com o ciberespaço, os smartphones, a televisão, o rádio, o computador, dentre outros dispositivos e espaços novos de interação e sociabilidades. Percebe-se assim que sociedade e tecnologia constroem-se através de processos retroalimentativos e interdependentes.

Os processos comunicacionais e o aparato tecnológico fornecem fácil acesso e abundância de informação, caracterizando uma sociedade em rede, conectada às imagens, vídeos, sons e à internet (CARDOSO, 2007; CASTELLS, 2006), que comporta e oferece em muitos casos essa informação. As redes se colocam como lugares/espaços de interações e mediações múltiplas, onde convivem e interagem usuários, instituições, “tecnologias antigas e novas”, num mosaico de reordenamentos constantes e de complexidade crescente.

Crianças e adultos têm contato com tecnologias digitais cada vez mais cedo e se apropriam conforme condições materiais e culturais. Esse contato precoce e os usos dessas tecnologias possibilitam observar que os espaços escolares também são permeados pelas “novas tecnologias” (SIBILIA 2012). A escola recebe, se apropria, afasta/rechaça a tecnologia (dependendo das normas institucionais e dos professores em suas práticas), envolvendo assim todas as disciplinas nesse novo cenário, que não é padronizado e tampouco fechado, mas sim de reordenamentos e atritos constantes. As aulas de história e seus procedimentos encontram-se nesse contexto, apontando a necessidade de pesquisas relacionadas aos usos e potencialidades das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). A educomunicação se coloca como uma proposta intervencionista que pode auxiliar na superação de alguns déficits e na aproximação do *out* com o *in* escolar, criando condições novas e diversas em processos de ensino e de aprendizagem.

Pode-se, a partir de práticas educacionais, construir um saber complexo, multifacetado e interligado (SOARES, 2014; OROZCO-GÓMEZ, 2014), “afastando-se” da fragmentação excessiva de saberes. Questiona-se, então, como envolver os alunos, o(s) professor(es) e a sociedade na construção do conhecimento (todos considerados enquanto agentes sociais e históricos).

Enquanto campo de intervenção social, a Educomunicação entrelaça educação e comunicação, apresentando-se como proposta instigante, potencializadora de novas posturas e atitudes no fazer educativo. Além de problematizar, ela possibilita uma intervenção crítica, plural, dialógica e aberta, podendo funcionar como um elo entre as TICs e o ensino de História.

Ao observar, durante a formação acadêmica no curso de Licenciatura em História, déficits no que diz respeito a pesquisas relacionadas às TICs e o ensino desta área do saber, ao longo do Trabalho de Conclusão (TCC) desenvolveu-se um projeto educacional na Escola Estadual de Ensino Médio Paverama, localizada em Paverama/RS. Foi possível, assim, “experenciar” práticas educacionais no e para o ensino de História. O planejamento ocorreu no primeiro semestre de 2016 e a intervenção no segundo semestre. Portanto, a experiência audiovisual em educomunicação no ensino de história foi desencadeada pela percepção de lacunas encontradas na trajetória acadêmica, de

motivações pessoais e da oportunidade aberta pelo TCC.

Colocou-se como objetivo de pesquisa, refletir sobre as potencialidades que a vertente educacional oferece como contribuição nos processos de ensino, a partir da disciplina de história em espaços formais de aprendizagem.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para explorar os campos em intersecção, analisar variáveis, contextualizar e problematizar o tempo/espaço do presente estudo, apresentar apontamentos e propostas de uso(s) da educação no ensino e na aprendizagem em história, optou-se por uma pesquisa qualitativa, baseada em entrevistas, questionários, análise de documentos, revisão bibliográfica e de caráter intervencionista, por meio da produção de um audiovisual com um grupo de alunos do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio Paverama (EEEMPA) (AGROSINO, 2009; GASKELL, 2002; GIL, 2002; VERGARA, 2005).

A pesquisa documental decorreu da leitura e avaliação da legislação vinculada à educação (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Planos Curriculares Nacionais e Plano Nacional de Educação). Para explorar o contexto no qual a pesquisa iria se inserir realizaram-se entrevistas com dois professores e aplicaram-se questionários com 15 alunos dos 2º do Ensino Médio anos da escola (GIL, 2002; GASKELL, 2002).

As entrevistas foram de caráter semiestruturado, com perguntas abertas e em espaços/lugares nos quais os entrevistados se sentissem à vontade, como sugere Gaskell (2002). Os professores entrevistados lecionam História na EEEMPA.

Com a proposta de se produzir um audiovisual, após a coleta de dados exploratória, oito alunos do 2º ano A noturno da EEEMPA foram convidados para envolver-se no projeto de produção audiovisual, já que se propunham a participar da Feira do Conhecimento da Escola.

Todo o processo foi registrado em relatos, baseados no método etnográfico (AGROSINO, 2009). A coleta de dados foi sistemática. O ato de tomar nota sobre os procedimentos e acontecimentos em campo “[...] permite exercitar a habilidade de lhes dar vida novamente, agora na forma escrita, com base em uma estrutura narrativa” (ECKERT, ROCHA, 2008, p. 8), o que foi de grande valor para o trabalho. A base da análise dos dados deste artigo, são os relatos construídos nos diários de campo, em que se coloca a inspiração etnográfica.

O CONTEXTO

O ensino nas décadas de 1960 e 1970 na América Latina esteve (ainda está em certa medida) ligado ao objetivo de formar especialistas capazes de “dominar” e utilizar máquinas, como se fossem trabalhadores da linha de montagem (KUENZER, 2004). Notam-se mudanças a partir da década de 1990, devido às novas tecnologias e ao alto volume de informações que elas ofertam, surgindo outras formas de trabalhar, interagir, informar-se e formar-se, requisitando variadas competências para o indivíduo e para os envolvidos nos processos educativos.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), o Ensino Médio deve buscar uma educação de caráter geral, afinada com a contemporaneidade, com o desenvolvimento de cidadania e das capacidades para o trabalho (BRASIL, 2008), vinculando assim o capital cognitivo e o econômico como “companheiros”. Os documentos (LDB, PCNs e PNE) trazem a necessidade de rompimento com a fragmentação dos saberes e visam uma educação humanizada, participativa, libertadora, que valoriza o diálogo entre as diferentes áreas de conhecimento e tenta evitar reducionismos. Um saber complexo e globalizado (MORIN, 2000).

Assim como a LDB, os PCNs apontam para as mudanças sociais e de sociabilidade referindo-se a uma sociedade, “[...] decorrente da revolução tecnológica [...]” (BRASIL, 2008, p. 11), que apresenta novos patamares e modos de se comunicar, ensinar, aprender, vivenciar, etc. Nesse sentido, o professor, sente a necessidade de pensar modos de ensinar história e outras disciplinas, que sejam conectados a esses tempos midiáticos e tecnológicos (MORAES, 2006).

Ao dividir o PNE (BRASIL, 2014) e suas metas em dois grupos, pode-se notar que as primeiras se referem a problemas estruturais (analfabetismo, acesso à educação, etc.) e um segundo grupo de metas trata da necessidade de educar de forma humanizada, com uma formação não apenas técnica. O documento sugere a apropriação dos aparatos tecnológico, mas também um uso cidadão, consciente e crítico, tanto da informação quanto da tecnologia. Os desafios propostos pela LDB, pelos PCNs e pelo PNE não são poucos e nem de fácil alcance, mas pode-se traçar caminhos e realizar práticas para buscar alcançar alguns pontos elencados por eles.

A proposta da educação aproxima-se muito dos pressupostos expressos nos documentos analisados quando tratam dos usos e apropriações tecnológicas na e para a educação (SOARES, 2011). A educação possui confluência com os documentos oficiais, por adotar metodologias que visam estimular a iniciativa e a curiosidade dos alunos, além de se aproximar de uma educação tecnológica, que cria possibilidades para o exercício da cidadania e para a valorização da participação na produção como compartilhamento de conhecimento entre todos os agentes educativos. A tecnologia é pensada como um meio e uma mediação que pode criar oportunidades educativas valorizadoras de diversidade de saberes.

A educação norteou o trabalho de campo e as próprias análises a partir de seus princípios, subáreas e dimensões.

A educação é um campo do conhecimento que possui seis dimensões (BRASIL, 2005; SOARES, 2011): a) é uma episteme; b) refere-se à educação para recepção crítica de conteúdos da comunicação de massa; c) busca promover “ecossistemas comunicativos”, articulando ambientes virtuais e presenciais em uma teia educativa, baseada em encontros, comunidades interpretativas, fortalecimento de elos por meio da informação e da formação; d) insere-se na gestão participativa dos meios e defesa do direito à comunicação; e) diz respeito aos processos para formação de habilidades comunicativas; f) valoriza a compreensão do potencial educativo da comunicação social. Essas dimensões amplas são, por vezes, revisitadas e “recriadas” a partir de relatos de pesquisas e intervenções sociais, gerando novos desdobramentos dentro do próprio campo educacional. Elas servem como balizadores da educação e orientam a ação intervencionista no campo, que, necessariamente, não se restringe a elas.

Há na educação 8 princípios básicos (BRASIL, 2005): a) compromisso com o diálogo permanente e continuado; b) compromisso com a interatividade e produção participativa de conteúdos entre os agentes envolvidos; c) ligação com a transversalidade, valorizando interfaces dos diferentes campos do saber; d) afirmação com o encontro/diálogos de saberes; e) compromisso com a proteção e valorização do conhecimento tradicional e popular; f) vinculação direta com a democratização da comunicação e com a acessibilidade à informação; g) compromisso com o direito à comunicação, reconhecendo-o como direito fundamental ao humano; h) preocupação com a não discriminação e o respeito à individualidade e diversidade humana.

A comunicação transformou-se em uma dimensão estratégica para poder entender a produção e a circulação dos bens simbólicos e dos conjuntos representativos que interagem na “sociedade da informação”. Atualmente, conhecimento e informação são fundamentais, em processos econômicos, na cultura e na política, enfim, na sociedade. A comunicação se coloca como um dos eixos centrais de nossas vidas, influenciando a maneira como interagimos com o mundo (CASTELLS, 2006; CITELLI, 2011; MARTÍN-BARBERO, 2011).

Os sistemas educacional e comunicacional ao longo do século XX passaram por diversas mutações. Há retroalimentações entre eles, aceleradas por invenções tecnológicas, mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas (BRAGA; CALAZANS, 2001). A escola pode optar por resistir ou por fazer uso do aparato tecnológico, que invade seus espaços e por vezes “inunda” a sala de aula. As “inundações” nos levam a pensar soluções, o que acontece aqui, ao ir a campo na tentativa de encontrar usos conscientes, colaborativos e profícuos das TICs no ensino de História e de outras áreas do saber.

COSTURA DE RETALHOS

Aplicou-se o questionário a 15 alunos da EEMPA e as respostas assinalam que todos os alunos usam o smartphone para entretenimento e pouco mais da metade para estudar. Quanto ao computador quase todos usam-no cotidianamente, para estudar e para diversão/entretenimento. Todos os alunos acessam a internet em seu dia a dia, com tempo de “navegação” de 1 a 12 horas por dia. Um aluno disse estar sempre conectado. O gosto pelos audiovisuais prepondera, pois praticamente todos acessam canais de vídeo, demonstrando assim familiaridade com as telas (FLUSSER, 2007).

Pode-se notar que as “novas tecnologias” são principalmente para entretenimento e diversão, ficando em segundo plano fins educativos. Seja no trabalho, no entretenimento ou na pesquisa/ensino dentro e fora da sala de aula, os alunos mantêm em larga escala a tecnologia no seu cotidiano, sugerindo que há naturalidade e proximidade com as TICs, o que facilita a produção de saber a partir delas. Como identificou-se que o uso de câmeras por alunos para produzir vídeos é relativamente baixo (apenas 1/3 dos alunos o fazem, a maioria apenas assiste vídeos), direcionou-se a intervenção para a produção de um documentário (audiovisual).

Foram realizadas duas entrevistas com professores que lecionam história na mesma escola e observaram-se um certo receio usar tecnologias na sala de aula. Ambos entrevistados relatam o medo de que os alunos façam uso das tecnologias de forma “errada” ou equivocada. Ressaltam que se o uso for para pesquisa e para enriquecer a própria aula, não há problemas, mas sentem receio de que a aula se torne um caos.

Quando questionados se a tecnologia auxilia ou não na aprendizagem a maioria dos alunos entendem que sim. Quanto às possibilidades elencadas com os usos das TICs aparecem a realização de pesquisas, oferta de conteúdos informativos, ilustração de conteúdo e até para manter o foco na aula. Um aluno relatou que gosta quando há uso de tecnologia durante a aula, afirmando que isso facilita sua aprendizagem.

Sobre os usos tecnológicos nas aulas de história, a maioria dos alunos respondeu que o mais comum é usarem livros e assistirem filmes. Muitos alunos reclamam que os professores baseiam suas aulas “muito” no livro didático. Os dados demonstram que a presença das tecnologias nas aulas de história encontra-se voltada principalmente a filmes e documentários, que são assistidos a partir da televisão e do computador. Os alunos consideram que o acesso à tecnologia na aula de história, em específico, geraria maior facilidade em aprender, maior interatividade, aproximaria aluno e professor, além de poder melhorar a “visualização” do conteúdo histórico.

As novas tecnologias podem fazer com que a escola se torne mais significativa, atrativa e próxima dos alunos do século XXI. Não há caminhos prontos nem muitas certezas sobre o ensino de história para o presente ou para as próximas gerações. Sabe-se que distâncias precisam ser superadas, para explorar as tecnologias em processos de ensino e aprendizagem, abandonando-se o receio de se mostrar inapto ou submisso ao medo de errar, que evidenciaram-se nas entrevistas com os professores (MORIN, 2000; COSTA; JUNIOR; PINHEIRO, 2015; SIBILIA, 2012).

Costa, Júnior e Pinheiro (2015) apontam que a presença da tecnologia no ensino de história, pode desenvolver habilidades como a criatividade; motivar a pesquisa e a interpretação crítica e atenta da informação; democratizar o conhecimento histórico, sua produção e o acesso, além de permitir trocas e maior interação entre o professor e o aluno, facilitando e potencializando o processo de ensino aprendizagem da história escolar. A leitura da mídia e a consciência de que ela influencia e medeia nossas relações cotidianas com grande frequência traz a necessidade de pensá-la enquanto aparato comunicativo e educativo/pedagógico. Não são apenas inovações, são mudanças na forma de ver, ler, sentir, interagir e aprender, que respingam e marcam os espaços escolares.

As TICs emergem como “onipresentes” no cotidiano de alunos e professores, tornando pertinente a apropriação e principalmente o enfrentamento das dificuldades e desafios em usos pedagógicos do aparato tecnológico. As “novas tecnologias podem aproximar aluno e professor, auxiliar no entendimento complexo do mundo e fornecer espaços e oportunidades de inovação (DEMO, 2007; MORIN, 2003; OROFINO, 2014; KAPLÚN, 2014).

Na escola onde realizou-se o estudo empírico, o uso de audiovisuais na aula de história, tem o intuito de visualização de conteúdo, mas está pouco voltado à produção de saber e compartilhamento deste, sugerindo uma mudança de tecnologia (quadro negro para o projetor de imagens/datashow), mas não necessariamente uma apropriação de potências existentes nas TICs para o ensino. A partir dessas ponderações, dos dados obtidos com os questionários e com as entrevistas, optou-se por explorar essa lacuna com a produção de um audiovisual com um grupo de alunos.

A INTERVENÇÃO

Participaram da produção audiovisual alunos que manifestaram interesse em fazer parte do processo educacional: 8 alunos da turma do 2º Ano A da noite, 3 meninas e 5 meninos. Estes tinham a incumbência de apresentar um trabalho na Feira do Conhecimento da escola, que ocorre de dois em dois anos. O grupo aceitou a proposta dos pesquisadores de produzir um audiovisual para apresentação na feira.

A intervenção baseou-se em reuniões sistemáticas na escola (todas as quartas-feiras) e saídas a campo durante os finais de semana para coleta de imagens que seriam utilizadas posteriormente no documentário. Toda a produção audiovisual foi orientada e permeada pelos princípios, dimensões e subáreas da educação. Tanto nas reuniões na escola quanto nas saídas a campo fez-se uso dos diários de campo e todas as percepções e análises realizadas a partir da intervenção tem eles como fonte.

Nos primeiros encontros realizados na escola definiram-se o tema e o roteiro, levando em consideração a curiosidade dos alunos. Essa

opção fez com que “saíssemos[1]” da ideia inicial de abordar a Revolução Industrial para o uso de máquinas na agricultura local numa perspectiva histórica, pesquisando e analisando a relação entre aspectos e a história local. Esse tipo de análise e tensionamento complexifica e torna o ensino de história mais profícuo, além de operar pensamentos que “viajam” no espaço e no tempo para entender o hoje e os desdobramentos que levaram a ele. Deu-se o nome ao documentário: “Agricultura: do manual ao automático”, sugestão de um dos membros do grupo. As decisões durante toda a produção audiovisual foram coletivas, ocorrendo a partir da troca de ideias entre os membros do grupo.

A delimitação temporal fixou-se na primeira metade do século XX até o contemporâneo, utilizando o conceito de história de média/longa duração (BRAUDEL, 1992). Justifica-se essa escolha por se tratar de uma pesquisa que explora a história do e no espaço rural, suas estruturas e os processos de mudança territoriais e das relações de produção, que ocorreram com o aumento do uso de máquinas na agricultura local.

Ao sair a campo, com o tema e com o roteiro já estabelecidos, iniciou-se a captação de imagens, que foi composta de entrevistas com agricultores de diversas localidades de Paverama. As perguntas centraram-se no que se produzia e o que se produz hoje, a relação dos agricultores com a terra e quais as mudanças que ocorreram nos últimos anos a partir do aumento de máquinas e do acesso a financiamentos para a agricultura familiar.

Para ir a campo utilizamos o carro do pesquisador e os equipamentos para captação de imagens (tripé, câmera, microfone, etc.) foram emprestados pela instituição de ensino à qual os pesquisadores estão vinculados. Nas saídas para captação de imagens o número de alunos variou de dois a seis, principalmente devido à impossibilidade de participação e, em um caso, do espaço disponível no carro. Em geral, participaram em torno de quatro alunos por saída a campo. Em duas saídas um professor participou.

Durante as coletas de imagens os alunos manusearam os equipamentos de gravação e questionaram os agricultores, usando como base o roteiro e também curiosidades e perguntas que emergiram a partir das falas dos entrevistados. A apropriação tecnológica se deu de diferentes formas pelo grupo, enquanto alguns usavam com maior naturalidade a câmera, mas não perguntavam com grande frequência, outros faziam o inverso.

Respeitar a individualidade e liberar o aluno para aprender e participar a seu modo mostrou-se uma decisão acertada para o andamento do documentário. Cada ser tem seu tempo e seu modo de agir, dessa forma, a liberdade junto com o comprometimento em realizar perguntas ou captar imagens fez com que, cada um a seu modo, contribuísse para a construção do audiovisual.

Notei que alguns alunos sentem relutância em usar a câmera, mas outros fazem usos mais “naturais” dos equipamentos. Outros alunos gostam de questionar e não se intimidaram em fazer perguntas para os agricultores. No final da saída a campo, observo que, de um modo ou de outro, todos participaram (DIÁRIO DE CAMPO, 17/09/2016).

Após finalizar a captação de imagens, processo que levou um mês, observou-se que todos os alunos, em algum momento gravaram ou dirigiram questionamentos aos entrevistados. O processo de edição foi realizado pelo pesquisador, pois a escassez de tempo para ensinar os alunos a editarem e para realizar a própria edição do audiovisual impossibilitou que o “trabalho braçal” de edição fosse realizado por todo o grupo. O processo de seleção de falas e estruturação do documentário guiou-se pelas escolhas e vontades dos alunos, que gostariam que o vídeo iniciasse relatando a infância dos agricultores, para depois diferenciar os modos de produção do passado e do presente e finalizando com a importância das máquinas na agricultura atualmente (DIÁRIO DE CAMPO, 03/10/2016).

Durante as saídas a campo explorou-se, para além das entrevistas, lugares e falas que não entraram no audiovisual, mas que carregam história, com documentos e monumentos presentes (LE GOFF, 2003), como uma casa antiga visitada pelo grupo numa das saídas, que gerou curiosidade e prazer tanto para entrevistar quanto conhecer pessoas e lugares perpassados pela história ainda presente. Durante os encontros os alunos relataram sua satisfação com o ato de questionar, como demonstra a fala de um deles ao expor que era “[...] muito legal perguntar para os agricultores sobre sua história e o que mudou desde sua infância até hoje” (DIÁRIO DE CAMPO, 21/09/2016).

Finalizando o audiovisual ocorreu sua exposição na Feira do Conhecimento, na qual recebeu o prêmio de “Trabalho Destaque” e alguns elogios da comunidade que visitou a Feira, além dos avaliadores presentes, que identificaram relevância e importância, tanto da produção audiovisual, quanto da pesquisa realizada em conjunto, de maneira colaborativa. Observou-se que “[...] algumas pessoas reconheceram vizinhos e amigos. Os avaliadores também elogiaram muito o trabalho e chamaram a atenção para a importância dessa pesquisa e da própria ação dos alunos.” (DIÁRIO DE CAMPO, 21/10/2016).

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRÁTICA

Os princípios educacionais, ao nortear a produção audiovisual e o próprio atuar humano e cidadão do grupo, demonstraram-se dinamizadores de processos de ensino com potencialidades, por vezes, pouco exploradas, tanto no campo da História como em outras áreas.

A democracia nas decisões do grupo e no acesso às tecnologias, a produção participativa e dialógica, o respeito à diversidade e o compromisso com os direitos à comunicação e informação que emergiram no agir do grupo e no fazer da pesquisa, além de gerar engajamento, também criaram vínculos entre os alunos e pesquisadores e forneceram força motriz para a produção audiovisual, fortalecendo modos de agir coletivamente.

O compromisso com a proteção e valorização do conhecimento tradicional e popular, assim como o respeito à individualidade e à diversidade humana foram experienciadas durante as entrevistas, pois os alunos vislumbraram o saber e o conhecimento que os agricultores possuem e aprenderam com eles, desmistificaram a ideia de que agricultores são incultos ou, como muitas vezes retratados nos meios tradicionais de mídia, “burros”. A troca aconteceu de maneira fluída entre pesquisador, grupo, entrevistados e ambientes.

A pesquisa realizada conseguiu aproximar, universidade, escola e comunidade, numa valorização diversificada de saberes (DEMO, 2009; MORIN, 2000). Levar a pesquisa para a educação básica e experimentar, a articulação entre saberes tradicionais e vivências históricas aproximou os alunos de seu contexto social. Conviveram com o outro e partilharam a construção de um documentário, que além de cores e vozes, partilha humanidades.

A tradição e o popular fazem parte do que Júnior (2009) chama de os grãos moídos pelo tempo, que o historiador coleta para cozinhar. Não é tarefa simples pesquisar e fazer história. Historiar é mais do que contar, é tecer. Historiar é recriar, com deleite e receio, memórias, sentidos. É uma (re)visita ao íntimo e ao plural. Historiar é humano e complexo, não limitado.

Abrindo-se para o que veio a partir da produção audiovisual, foi possível observar que surgiram “histórias”: Local (SILVA, 2013), Ambiental (PÁDUA, 2010; MARTÍNEZ, 2011), Nova (LE GOFF, 1998), Oral (ALBERTI, 2004; CALDAS, 1999) através da produção do

documentário. Essas "histórias" enriqueceram o ensino esclareceram dúvidas, geraram conhecimentos novos e demonstrou que alunos pesquisadores podem "fazer história".

No que tange a didática e a proposta de um ensino diferenciado para a disciplina de história, a educomunicação estimularam ações, diálogos, criticidade, parceria e colaboração. Não se trata de abandonar métodos "antigos e tradicionais de ensino", tampouco pensar nessa pesquisa como uma receita, mas sim ampliar maneiras de agir, ensinar e aprender que levem em conta o saber diversificado, o respeito ao outro e a colaboração.

Conclui-se que a educomunicação tem muito a oferecer para o ensino e que a comunicação e as "novas tecnologias" possuem potencialidades diversas, que se utilizadas de modo consciente e crítico podem contribuir com o campo da educação. Segundo Musso (2006) é necessário experimentar com as TICs. Fizemos isso e os resultados deixaram esperanças, alegrias, curiosidades e ideias que se bem tratadas podem germinar e ajudar a criar novas realidades.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

AGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Maria Regina Zamith. **Comunicação e Educação**: questões delicadas na interface. São Paulo: Hacker, 2001.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio**: Ciências Humanas e suas Tecnologias. 2008. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>>. Acesso em 10 nov. 2016.

BRASIL. **Plano Nacional da Educação**. 2014. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf> Acesso em 12 nov. 2016. 2014.

BRASIL. **Programa Nacional de Educomunicação Socioambiental**: Série documentos técnicos 2. Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília, 2005. Disponível em < http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/dt_02.pdf>. Acesso em 10/11/2016.

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais. A longa duração. In: BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 41 - 78.

CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade, texto e história**: para ler a história oral. Edições Loyola. São Paulo, 1999.

CARDOSO, Gustavo. **A mídia na sociedade em rede**: filtros, vitrines, notícias. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CASTELLS, Manuel. Inovação, Liberdade e poder na Era da Informação. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Mídia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 225 – 233.

CITELLI, Adilson. Comunicação e educação: implicações contemporâneas. In: _____; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação**: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

COSTA, Frederico J. F.; JUNIOR, Ricardo L. M.; PINHEIRO, Joseylene L. O uso da tecnologia no Ensino de História. In: MAGALHÃES, Antônio Germano; ARAÚJO, Fátima M. L.(Orgs.). **Ensino & linguagens de história**. Fortaleza: EdUECE, 2015. p. 177-204. Disponível em: <<http://www.uece.br/mahis/dmdocuments/ENSINO%20E%20LINGUAGENS%20DA%20HIST%C3%93RIA%20-%20LIVRO.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2016.

DEMO, Pedro. **Educação hoje**: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades. São Paulo: Atlas, 2009.

DEMO, Pedro. O Porvir: desafio das linguagens do século XXI. Curitiba: Ibpex, 2007.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho. **Etnografia**: saberes e práticas. Iluminuras. Porto Alegre: n. 21, 2008, 23 p.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64 – 73.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KAPLÚN, Mario. Uma pedagogia da comunicação. In: APARICI, Roberto (Org.). **Educomunicação**: para além do 2.0. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 67 – 78.

KUENZER, Acácia Z. Globalização e educação: novos desafios. In: ZARTH, Paulo Afonso [et al.] (Orgs.). **Ensino de História e Educação**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2004.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. O tecelão dos tempos: o historiador como artesão das temporalidades. In: Negro, Antônio L.; SOUZA, Evergton Sales; BELLINI, Lígia (Orgs.). **Tecendo histórias**: espaço, política e identidade. Salvador: EDUFBA, 2009.

LE GOFF, Jacques. A História Nova. IN: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques (Orgs.). **A História Nova**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MARTÍNEZ, Paulo Henrique. História Ambiental: um olhar prospectivo. **Cad. Pesq. Cdhis**, Uberlândia, v. 24, n. 1, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/viewFile/14106/8038>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

MARTIN-BARBERO, Jesus. Desafios Culturais: Da Comunicação à Educomunicação. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.). **Educomunicação**: construindo uma nova área do conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011. P. 121-134.

MORAES, Dênis de. **A Sociedade midiaticizada**. In: MORAES, Dênis(Org.). **A Sociedade Midiaticizada**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 7 – 20.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MUSSO, Pierre. Ciberespaço, figura reticular da utopia tecnológica. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Midiaticizada**. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 24, n. 68, p. 81- 101, 2010 Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142010000100009>. Acesso em: 12 de nov. 2016.

OROFINO, Maria Isabel Rodrigues. Crianças em contextos: novos aportes para o debate sobre infâncias, comunicação e culturas do consumo. In: ROCHA, Rose de Melo; OROFINO, Maria Isabel Rodrigues. **Comunicação, consumo e ação reflexiva**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 67 – 81.

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. A explosão da dimensão comunicativa: implicações para uma cultura de participação das audiências. In: ROCHA, Rose de Melo e OROFINO, Maria Isabel Rodrigues. **Comunicação, consumo e ação reflexiva**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Luís Carlos Borges da. A importância do estudo de história regional e local na educação básica. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: CONHECIMENTO HISTÓRICO E DIÁLOGO SOCIAL, 2013, Natal. **Anais...** Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1372277415_ARQUIVO_Artigo-HistoriaRegional_NATAL_.pdf>. Acesso em 05/12/2016.

SOARES, Ismar de Oliveira. Caminhos da educomunicação: utopias, confrontações, reconhecimentos. In: APARICI, Roberto (Org.). **Educomunicação: para além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014.

_____. **Educomunicação - o conceito, o profissional, a aplicação**: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

VERGARA, Sylvia C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.